

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevistador:** Luca de Andrade Ribeiro

**Entrevistado:** Alexsandro Cosmo de Mesquita

São Paulo, 13 de Junho de 2022

**Duração:** 01:31:52

Realizada na plataforma Google Meet

---

**Luca:** Tá, tô gravando meu áudio, tô gravando o vídeo. E acho que tá tudo certo. E... bem. A primeira coisa que eu queria fazer é agradecer pela oportunidade. Sei que está super corrido, mas é muito bom poder te escutar. E... bem... Ah! E outra coisa. Eu vou fazer aquela coisa de perguntar gravando né? se você aceita que eu... né? que essa entrevista seja gravada e o material seja utilizado para publicações com finalidades didáticas, mas eu também vou te enviar o documento certinho pra você assinar já com os dados. Também?

**Alex:** Tá ok. Perfeito.

**Luca:** Assim que acabar a entrevista eu já te mando direitinho pra você assinar.

**Alex:** Tá certo.

**Luca:** Mas permite gravação e tudo mais?

**Alex:** Permito!

**Luca:** Beleza. Então, né... Hoje a gente tá no dia... Hoje a gente tá no dia 13...

**Alex:** 13! É o dia 13 de Junho (risos)

**Luca:** (risos) Desculpa!

**Alex:** (risos) 2022.

**Luca:** 13 de Junho de 2022.

**Alex:** Estamos na galáxia terrestre (risos) No universo...

**Luca:** Estou com dois monitores, mas só um deles aparece a data... Tava contando com isso. Então. Nós estamos aqui no dia 13 de Junho. Estamos começando nossa entrevista agora às 20:02 da noite. E bem. A gente tá por meio digital. Tô aqui em São Paulo no Bairro do Jd. Bonfiglioli. E gostaria de saber onde você está agora... se você topar falar...

**Alex:** Sim, eu estou agora nesse momento no bairro do Socorro em São Paulo.

**Luca:** Ah. Certo... Obrigado por responder. Bem né. (inaudível). Essa daqui é uma entrevista... com você, Alexsandro Cosmo de Mesquita para o Projeto Acervo de Múltiplas Vozes sob a Coordenação da professora Sumaya Mattar da ECA USP. E bem... Além de agradecer pela... pela oportunidade de entrevista, gostaria que você se apresentasse com

nome, idade, onde nasceu... e onde você tá atualmente, né, mas acho que essa parte você já respondeu na verdade.

**Alex:** Sim, eu sou Alexsandro Cosmo de Mesquita. Atualmente estou com 35 anos. Eu nasci na cidade de Mamanguape no interior da Paraíba. Onde... Ali na região antes era habitada pelos povos Potiguara. Toda aquela região desde... Alguns estudiosos falam que é desde Sergipe, outros falam que ah! é desde o Pernambuco, até a... até... a região do Ceará ali todo o litoral viviam os povos Potiguara. Aí hoje eles só se resumem a um pequeno... é... um pequeno pedacinho de terra reservada pra eles na região Norte da Paraíba, ali na região do litoral Norte da Paraíba na realidade.

**Luca:** Certo... Bom saber disso. E uma pergunta. É... Você agora está, né, em São Paulo. Eu sei, né, que sua mãe se mudou, né... pelo que entendi você se mudou junto com ela. Em que época que foi isso exatamente?

**Alex:** Olha, eu é... tinha... uns 90... eu tinha uns 6 pra... acho que 5 paa 6 anos. Então foi mais ou menos no ano de 95, 96, que a gente mudou... É eu acho... foi por 95. Que a primeira vez que a gente veio foi mais ou menos 94, 95, se eu não me engano. Eu sei que eu era bem pequeno e não lembro de muitas coisas, mas eu lembro ainda de ter feito... o MEI, né, aquela escolinha lá infantil que é um pouquinho antes da primeira série. Aí eu tive que voltar pro Nordeste e aí quando eu voltei pra cá pra São Paulo novamente eu já ia pra priemira série. e quando eu fui pra primeira série aí eu lembro, eu lembro da professora falando muito bem. E quando eu voltei pra segunda vez pra São Paulo, era 1997. E aí eu já estava um pouquinho mais velho e já tinha, acredito, que uns 7 anos e ia fazer 8 no meio do ano... coisa do tipo.

Bom. A primeira vez que meu pai veio pra São Paulo, como te falei, foi entre 94 a 95 e ele saiu de lá da... Paraíba a convite de um amigo dele, que veio pra cá pra cidade né e falou que aqui era muito bom de trabalho e tudo mais e convidou meu pai pra ir. E aí meu pai veio primeiro... aí uns 3 meses depois ele chamou toda a família pra ir... pra tentar realmente a vida aqui em São Paulo.

Eu lembro que...

Ah. Detalhe. Né. O meu ele não é paraibano e ele não é indígena, o meu pai nasceu no pernambuco, só que quando criança o pai dele também migrou do pernambuco estado da paraíba e aí eles foram morar na cidade de Mamanguape... enfim. Passou por outras cidades antes, mas eles se estabeleceram depois aí em Mamanguape, aí na região. E aí foi aí que na adolescência dele... Na adolescência não, na juventude dele ele conheceu a minha mãe e aí depois que ele conheceu a minha mãe ele... bom. Teve um, dois, três filhos (risos). Aí eu sou o do meio, né. Como o pessoal fala: como diz a história.

E aí a gente veio pra São Paulo né, tipo ainda quando criança. E aí foi aí parte desse momento que eu passei a viver numa cidade grande, numa grande metrópole. Na realidade lá no Nordeste, como meu pai não era indígena e minha mãe era indígena, que... Ela teve que sair da aldeia por questões econômicas pra conseguir um trabalho na cidade... Eles se

conhecerem ali em Mamanguape. E... casaram... teve eu e meus irmãos e chegou a viver ali até essa idade que eu te falei, né, que eu lembro vagamente. Tenho vagas lembranças de quando eu era criança, de quando eu morava lá, daí depois a gente veio pra São Paulo e veio... Enfim. tentar a vida aqui. Uma vez por ano, a cada dois anos, sempre que possível a gente voltava pro Nordeste, então eu acabei continuando tendo um vínculo bem grande com minha família. Tanto a parte do meu pai, que morava na cidadezinha de Mamanguape, quanto a parte da minha mãe, que mora na reserva indígena ali dos potiguaras, no litoral norte da Paraíba. E aí... Só que com o passar do tempo a gente meio que... as coisas foram ficando mais difíceis né... em relação a questões financeiras. Aí as viagens não era tão frequentes. Tinha um ou dois anos pra visitar a família, pra continuar com esse vínculo. Essas viagens passaram a demorar um pouco mais, então teve uma época que eu fiquei até 7 anos sem ver o pessoal lá. Teve uma época que assim nossa nunca mais eu faço isso: ficar tanto tempo sem ver minha família. E hoje não, hoje sempre que eu posso eu busco sempre estar com eles porque eu gosto muito tanto da região lá, quanto das pessoas, que estão lá, que são os meus parentes. (inaudível) É bem legal em relação a isso.

**Luca:** Nossa... bem interessante saber isso. Como é que você... que você lidava com... Você falou que você ficou... já chegou a ficar 7 anos longe. Posso perguntar como é que você lidou com a distância assim? Me parece uma coisa muito complicada...

**Alex:** Nossa. Sim. É muito complicado mesmo. É que na realidade esses 7 anos teve início quando eu comecei a trabalhar fora de casa, né. Que primeiro, como te falei, antes a gente conseguia ir com uma certa frequência de um a cada dois anos, só que daí, economicamente, meu pai começou a passar por uns apertos financeiros também, daí já não dava mais pra todos viajarem. E aí como nós somos sem 3, cada vez que minha iria viajar, ela tinha que escolher... Tipo... Tinha que falar... Nesse ano agora ela vai levar tal, vai levar o mais velho, nesse ano o segundo, nesse ano o mais novo. E detalhe: a gente ia de ônibus. A primeira vez que eu vim pra São Paulo, eu vim de ônibus, que era 3 dias de viagem. Então você saia, por exemplo, numa sexta feira e chegava num domingo. Tipo, saia numa sexta feira de manhã cedo e chegava num domingo umas onze dez da noite. E era três dias, era bem sofrido. Só que daí conforme isso foi acontecendo, a situação econômica foi ficando mais apertada, aí fui me vendo na necessidade extrema de tipo assim: gente, preciso arrumar um trabalho pra quando eu quiser viajar pro Nordeste em conseguir ir.

E... e aí lá pro Ensino Médio, eu comecei a fazer um estágio na... na Caixa Econômica Federal, e quando eu fiz esse estágio, comecei a guardar meu dinheiro justamente pensando na viagem, só que como eu era estagiário ainda assim no Ensino Médio, eu fui guardando parte do dinheiro pra fazer isso e fui gastando com outras coisas, porque era meu primeiro emprego... você tá maravilhado né? com a questão econômica: é eu tenho dinheiro pra gastar agora, legal né? E aí eu fui arrumando um trabalho atrás do outro, e nessa brincadeira, fiquei 7 anos sem ir lá, mas aí isso começou quando eu tinha lá pelos meus 16 pra 17 anos. Daí dos meus 16... pra 17... até meus 24, 25, anos mais ou menos, eu não tinha ido mais visitar meus parentes, e aí foi uma coisa assim: foi um choque muito grande pra mim, porque eu tinha saudade da terra, tinha saudade de ver as pessoas, mas eu não conseguia ir devido à rotina que eu estava e o meio que eu estava inserido, que era o meio profissional. Então eu tava tão

assim com uma cabeça centrada no trabalho que muitas das vezes eu esqueci até de viajar pra lá.

Assim, esqueci esqueci entre aspas, né? Porque as férias que a gente tinha não eram umas férias de longo período que dava... que eu conseguia ir lá. Eram umas férias tipo, curto prazo e às vezes eu precisava investir nos estudos, em ficar estudando em vez de viajar. Então, por um lado, foi um momento assim... que foi penoso, por eu não poder estar lá, mas, ao mesmo tempo, foi proveitoso, porque eu acabei me dedicando um pouquinho mais às questões de estudo e também de questões profissionais, de trabalho.

**Luca:** É... Faz sentido isso. É... Hmm... Com o que você trabalhou nesse período? Você falou que você tinha... seu primeiro estágio tinha sido na Caixa Econômica Federal, mas com o que você trabalhou nesse... nesses... nesses vários empregos ao longo desses 7 anos?

**Alex:** Então, no decorrer desses 7 anos, eu comecei na Caixa Econômica, como te falei, como estagiário no Ensino Médio, depois disso eu fui pro... fui trabalhar num banco... Depois desse banco, eu fui fazer estágio na própria universidade, em 2009, quando eu fui aceito na universidade, na PUC de São Paulo. Depois da PUC eu fui trabalhar no SENAC, como estagiário também, mas aí na área de Educação à Distância como Designer Instrucional. Designer Instrucional é o profissional que ele desenha toda a experiência de aprendizagem do aluno, então desde o momento em que o aluno vai ligar o computador, vai acessar o curso... Designer Instrucional é o cara que pensa nisso tudo. Né. Ele pensa tanto... Ele pode pensar, na realidade, tanto no ambiente que o aluno vai aprender, quanto também no conteúdo e como que esse conteúdo vai ser apresentado pra esse aluno e quais são... é... e quais são as interações que a gente vai colocar ali.

E aí eu fiquei trabalhando e nesse brincadeira... em 2009 quando eu comecei a fazer. Desculpa. deixa eu voltar aqui um pouquinho. Primeiro: fui trabalhando e aí de— depois do SENAC, que eu estava trabalhando, eu fui trabalhar numa rede de hotéis. É... E quando eu tava trabalhando nessas redes de hotéis, eu ainda tava traba— eu ainda estava estudando pela universidade. Aí eu tive a oportunidade de ganhar uma bolsa de estudos pra ir pra Espanha. E aí eu fui pra Espanha, passei um ano na Espanha e aí sim, quando eu voltei da Espanha, que eu terminei a graduação, foi que eu fui novamente visitar meus parentes lá no nordeste.

E aí tem um detalhe também, né, que... (inaudível) as vezes a gente fala a história de... de ordem cronológica, mas às vezes vão surgindo tantas ideias, né? tantos pensamentos na cabeça, tantas lembranças gostosas que às vezes a gente acaba se perdendo na linha do tempo, mas, em 2009 eu entrei na universidade, né? Eu comecei a fazer estágio no Ensino Médio, fui trabalhar num banco, aí depois do banco foi assim: gente, isso aqui não é o que eu quero pra minha vida, porque ou gostaria de trabalhar muito com pessoas e especialmente com educação, porque eu tinha um sonho de... trabalhar com o meio da educação e tecnologias e visitar lugares remotos e aí dar acesso à informação pro pessoal e conseguir proporcionar ali um ambiente de aprendizagem mais rico.

Em 2009, eu tive a oportunidade de entrar na PUC São Paulo. É... Fiz a prova, aí eu concorri pra ser aluno bolsista num programa chamado Pindorama, que é um programa que oferece

bolsa para alunos indígenas. Bom, fiz a prova ... foi engraçado, porque fiz eu e meu irmão mais novo essa prova em 2008, pra começar a universidade em 2009. E aí quando a gente saiu da prova lá, a gente foi pegar o ônibus, voltando pra casa. Tipo, olhei pro meu irmão, falei assim: cara, eu acho que eu não passei, e aí os dois caíram na risada, porque os dois meio que tinha certeza que não tinha passado na prova, mas aí, depois, eu recebi o email do Benedito Prezias, que era o coordenador do programa Pindorama na época, daí eu recebi um email dele falando que eu tinha passado. Nossa. Fiquei feliz, tudo demais. Porque antes de entrar na universidade, têm alguns cursinhos que oferecem bolsas de estudos pros alunos também se prepararem pra universidade, e a POLI é um desses cursinhos, e aí eu entrei no cursinho da POLI, junto com esse meu irmão, e foi um período muito sofrido. É...

Porque foi sofrido? A gente levantava tipo de 5:30 da manhã pra passar sábado dia inteiro na Lapa estudando, voltava sete... da noite lá, terminava o último horário, chegava em casa umas quase nove dez horas da noite, porque... a gente tinha que pegar vários ônibus, três ou quatro ônibus chegar na Lapa, sendo que a gente morava, na época, ali na... é... No Jardim Ingá, próxima à Vila das Belezas, próximo ao terminal João Dias aqui em São Paulo. E a gente... Foi uma experiência rica, porque a gente se esforçou pra ir, e... querendo ou não, a gente acabou aprendendo alguma coisa ali dentro que acabou me ajudando a ser aprovado no vestibular.

E aí... Bom... entrei pelo Pindorama, cursei tecnologias e mídias digitais, ali na PUC São Paulo... fiz Iniciação Científica. Tive a oportunidade de fazer Iniciação Científica ali... estudando sobre uma plataforma chamada Openlearn, que é em parceria... que é uma plataforma de estudos livres, pra... que é de Londres. E aí eles tavam tendo uma parceria né, entre pesquisadores tanto da Openlearn quanto pesquisadores da PUC. Daí minha professora da graduação, que se chama Ana Maria di Grado Hessel, ela tava fazendo parte desses pesquisadores aqui no Brasil... E aí ela... quando eu disse que tinha interesse em fazer iniciação científica, ela perguntou se eu poderia entrar no projeto que ela tem. Porque eu queria, na realidade, já fazer iniciação científica pensando já na questão indígena e acesso à inclusão digital para comunidades indígenas. Mas aí ela pegou e falou assim: Alex, nesse momento eu não consigo te acompanhar nesse trabalho, mas eu tô pesquisando essa plataforma aqui. Você aceita, você topa? Falei assim: eu topo. E aí eu aprendi sobre... um pouquinho sobre a ferramenta chamada Flash Meeting, que era... que na época era uma ferramenta revolucionária, porque. Era uma ferramenta... na realidade uma plataforma em que você fazia toda essa interação que a gente tá fazendo agora no Meet, no Google Meet, a gente fazia por essa ferramenta, então era WOW. Porque até então ninguém tinha lançado nada parecido. Todos os recursos que hoje nós dominamos com facilidade, com as aulas à distância, por causa da pandemia, essa ferramenta proporcionava pra gente. Que é a videoconferência, que é a ação de chat, você poder colocar até 20 alunos numa sala online, as pessoas conseguem interagirem. Então isso pra época era um WOW. Tipo. Uma coisa de outro mundo. E aí eu tive a oportunidade de pesquisar essa ferramenta bem nessa época do nascimento dela. Hoje, é claro, por causa da pandemia, as ferramentas de comunicação é... de videoconferência acabaram evoluindo e ficando mais comuns na vida das pessoas, mas,

até então, não era tão comum assim como na época que eu fiz essa pesquisa com a professora Ana. Acho que foi em 2010.

Aí em 2011, eu fui monitor também dela numa disciplina chamada... Ai. Como que era o nome da disciplina? Não sei se era Estudos Avançados para Ambientes Virtuais... era alguma coisa do tipo, não lembro agora, não recordo agora o nome. Mas também, foi um momento que eu aprendi muita coisa também em relação à tecnologia, em relação à educação à distância. 2010 eu comecei... 2010 não... acho que foi 2009... Deixa eu ver, que que eu tava fazendo em 2010? É! 2010 eu consegui fazer um estágio na própria universidade. Aí no programa chamado CESIMA, que é o Centro Simão Mathias, onde eu cuidava de um laboratório de informática ali, pros professores... E aí depois eu tive a oportunidade de ir pro SENAC pra fazer estágio na área de Design Instrucional. Aí sim eu entrei realmente na área de educação à distância.

Foi muito legal, porque foi uma escola onde eu aprendi bastante coisas. Depois eu fui pra essa rede de hotéis que eu te falei. E aí, lá durante meu trabalho nessa rede de hotéis, eu tava no penúltimo ano da faculdade e teve a oportunidade de ir pra Espanha. Aí daí eu... fiz a minha inscrição, me cadastrei lá e ganhei uma bolsa pelo Ciência Sem Fronteiras, que na época quem tava ministrando essa bolsa era o Governo Federal sob gestão da Dilma Rousseff. E aí fui, aprendi muita coisa, voltei, terminei o... terminei... terminei a minha graduação, mas aí, eu queria... fazer... uma ação que eu tinha um sonho de realizar ela desde a adolescência. Que era o quê? Era trabalhar com educação pra ajudar pessoas que viviam em lugares remotos, especialmente... é... comunidades indígenas. Né, eu já tinha isso em mente. Então eu acabei me cadastrando... Fazendo minha inscrição, na realidade, no Mestrado, pra aperfeiçoar um pouquinho mais os meus conhecimentos. E aí quando eu fiz a minha inscrição no mestrado, eu acabei conhecendo uma ONG que se chama Thydêwá, e daí eu fui pra... essa ONG fica em Ilhéus e... eu fui convidado por eles pra participar de uma ação onde eu ia ajudar... 8 comunidades indígenas a construir um plano de trabalho pra... um plano de trabalho que ele iam utilizar num espaço chamado Ponto de Cultura Indígena. Que seria... É um espaço que seria similar a um telecentro, onde você tem um computador com acesso à internet. Só que o grande diferencial é que além de você ter um computador com acesso à internet, ali você também tinha atividades relacionadas ao fortalecimento da cultura. Então tinham várias atividades que o pessoal fazia ali, que era para ajudar o fortalecimento da cultura regional e ajudar a população indígena que vivia na comunidade onde tinha aquele ponto. Então é... eles tinham o espaço, mas eles precisavam saber o que fazer com esse espaço. E então eu fui convidado justamente para construir esse plano de atividades que eles iam realizar ali dentro.

Foi muito legal porque quando eu fui convidado pra fazer isso, eu pensei que eu ia lá... e... e ia ensinar os conceitos básicos, né? Da administração que a gente conhece, desse padrão todo aí. Do que é um projeto, qual o objetivo do projeto, como é a justificativa, como você faz, pensei que eu ia passar em cada comunidade, pegar uma lousa lá, explicar pra eles e pronto. E aí o Sebastian Gerlic. Gerlic ou Gerlic... Não sei como se pronuncia o sobrenome dele... Ele é o presidente da ONG e aí ele falou comigo: Alex! Se você for chegar e for usar esses métodos de educação com os caras, eles não vão prestar atenção em você, porque eles têm

uma outra forma de ver o mundo, e de aprender também. E é por isso que pra ajudar você nessa... ação, a gente vai fazer um curso aqui sobre Dragon Dreaming. Dragon Dreaming. Que que é esse Dragon Dreaming? Aí ele falou o seguinte: é um método que vai ensinar você, que vai ajudar você a trabalhar com o pessoal. E cara, realmente, é um método espetacular que eu aprendi. Ele é similar ao Design Thinking em alguns aspectos... Mas a grande pegada dele é que ele trabalha com uma questão mais profunda, ele consegue com que você trabalhe com a energia das pessoas. Com os sonhos das pessoas. E aí eu aprendi esse método e, em cada comunidade que eu ia, a gente aplicava esse método justamente pra quê? Para que nós conseguíssemos conectar a inteligência coletiva em prol da construção desse plano de atividade e realmente construir ali um planejamento de ações que viesse ao encontro das necessidade da comunidade, que realmente atendesse isso. E aí foi muito gratificante pra mim, porque eu fui pensando que eu ia ensinar, e, na realidade, eu aprendi mais do que ensinei. E aí... eu fiquei maravilhado com isso... foi muito gratificante. Eu passei por 8 comunidades na região Nordeste do... do Brasil. Foram 4 estados em que eu passei: a Bahia, Pernambuco... Alagoas e Sergipe. E aí... justamente ajudando cada comunidade a construir essas atividades e também dando suporte com eles em relação a questões de informática sempre que eles precisavam.

E eu fiquei muito feliz, muito contente, de ter participado desse projeto, porque foi um... um momento em que eu consegui estreitar a minha relação com... com as minhas origens, com as minhas origens indígenas e conhecer um pouquinho mais da realidade dos povos indígenas que vivem ali no Nordeste, para além do povo ao qual eu pertença, que é os Potiguara. Então, na terra do indígenas Potiguara... é... é uma terra bem próspera, mas é uma terra próspera porque ela já foi homologada e já foi aprovada há algum tempo como território indígena, então quando eu nasci eles estavam um pouquinho nesse processo de... de bater o martelo final, mas os indígenas potiguara já tinham cada um as suas... o seu pedacinho de terra ali, então eles já cultivavam e cuidavam da terra. Então é uma região frutífera, porque as pessoas ali plantam bastante árvores frutíferas. Tem um rio, que ajuda na manutenção da comunidade. As pessoas se conhecem... E aí eu pensava que era essa coisa boa assim que todas as comunidades, mas aí quando eu viajei pro Nordeste, eu fui conhecendo as outras comunidades por meio aí da... da dissertação do Mestrado... foi o que me possibilitou isso... eu fui percebendo que muitos lugares ali ainda havia muitos conflitos de terra, porque são terras ainda não demarcadas. É... Havia ali também muitos conflitos de pessoas que... que suas vidas eram tratadas como banais, porque vem um fazendeiro ou vem alguém que é do poder, de algum órgão público, e que elas são autoridade em relação a... Pessoas que deveriam cuidar da segurança da população, como policiais, e que acabam sendo contratados por grileiros ou fazendeiros mesmo e acaba tirando a vida do seu próximo. Cara... é... Por causa de quê? Por causa da terra e por causa do capital. O fazendeiro é porque ele quer a terra. E o policial ou outra pessoa – porque não precisa ser exatamente policial, mas uma outra pessoa que... queira fazer o mal – acaba tirando a vida do seu próximo por questão financeira, pelo dinheiro. Algo que, se ele recebeu... E olha só. É tão banal que, às vezes o cara pagava de 100... de 100 a 1000 reais pela vida de uma outra pessoa. E o que você compra com 100 ou com 1000 reais? Será que uma vida custa isso? Será que uma vida custa um milhão? Nem isso? Né? E aí acabava acontecendo essas coisas assim e... Eu... Eu fui

vivenciar isso mais de próximo, mais de perto. E era uma realidade que eu não conhecia. Era uma parte do Brasil que eu não conhecia. E é uma parte da história das minhas origens que eu não conhecia.

A educação ela... E o poder estudar e também, né...

*a chamada caiu e foi restaurada cerca de meia hora depois*

**Luca:** Pronto. Gravando o som também. Depois de a gente ser rudemente interrompido por... pela internet, você estava falando antes sobre uma questão de... da educação. Você ia começar a falar sobre outro assunto, mas você caiu.

**Alex:** Isso, eu tava falando na realidade em relação à banalização da vida, né. Os caras pegam tipo... oi... de 100 a 1000 reais você acaba a... valores baixos, né, você acaba tipo... tirando a vida de outra pessoa e essas pessoas não têm nenhuma consciência de que esse valor é um valor irrelevante, é um valor que não dá pra fazer nada. Na realidade, é um valor em questão de dinheiro, mas... o que você faz com esse dinheiro depois. Você tirou uma vida, uma vida que poderia tá ajudando outras vidas, uma vida que poderia estar sustentando outras vidas e aí acaba... acaba você fazendo isso. E aí, quando eu falo nesse valor insignificante, eu posso até falar o seguinte, que, querendo ou não, hoje nós temos duas pessoas desaparecidas, um indigenista e um jornalista, que é o Bruno e... o nome outro rapaz eu esqueci agora, que é o jornalista, mas... cara... Eles sumiram. E... por menos de 200 reais, desculpa. Quem vive nas regiões que são regiões de extrema pobreza do país sabe que com menos de 200 reais, 300 reais, você consegue pessoas que vão lá e ceifa a vida de outra. E... e essa pessoa que ceifou a vida dessa... das outras pessoas não consegue nem entender questão de valor... tanto do financeiro, quanto o valor, realmente, de vida, né. Mas, você vê, 300 reais pra ela, na cabeça dela, vale a vida de uma pessoa... Gente! Que não dá pra você comprar nada! Quanto será que pagaram pras... pras pessoas ali? Provavelmente... Se os dois tiveram partido, foi pago! Alguém pagou... pra isso acontecer. E alguém pagou... para continuar matando quem? A Terra. Continuar matando famílias, porque a partir do momento em que você começa a utilizar... fazer escavações atrás de minério, atrás de ouro, atrás de garimpo, você contamina rios, esses rios contamina animais... não só animais, mas outras famílias que dependem desse rio... que passam a ficar doentes e passam a falecer... Então... Poxa. Em prol de uma falsa prosperidade, você mata não só pessoas mas também a própria Terra, né? A própria Mãe Terra, que cuida de você. E quando não tiver mais recursos? Que a gente faz?

Coisas que tem que pensar e as pessoas não param pra pensar... Na realidade, o cara que ganha dinheiro, ele não consegue parar pra pensar que os recursos da Terra... eles são finitos, né? Poxa! Por que em vez de ficar gastando dinheiro querendo investir em projetos até mesmo fora do planeta, por que você não investe em educação pra que as pessoas possam ser ricas também intelectualmente e também ajudar cada vez mais a prosperar e descobrir

outros... universos, outros mundos e até mesmo... habitar ali. Mas atualmente as pessoas só vêm pensando em concentrar riqueza num grupo menor.

Acho que... tá muito ligado ao ego também. Mas enfim... É essa parte aí... Pergunta lá, Lucas!

**Luca:** Ah... Acho muito bacana você ter falado isso. Né? Infelizmente é uma situação muito atual. Né? E pesquisando, né? Nos materiais que você tinha me passado, né? De... E em alguns outros que eu tinha pesquisado também. Deu pra ver como que... Né? É um problema muito sério esse, dos ataques... dos... dos ataques sistemáticos que tem aos povos indígenas e eu acabei pesquisando um pouco, né? e vendo a imensa luta, né... Você falou que... que os Potiguara da sua região tem uma terra mais demarcada... que... que agora está mais protegida nesse sentido, mas, pelo que deu pra ver, né, foi um processo de imensa luta... contra usineiros e contra... contra outras pessoas, né?, que estavam tentando sistematicamente roubar... continuar roubando essa terra de vocês, né?

**Alex:** Sim...

**Luca:** E eu ia... É... Ai meu deus, me perdi. Desculpa! (risos aflitos)

**Alex:** Tudo bem! (risos)

**Luca:** Perdão. Mas... É... Voltando a pergunta pra você. Você tinha dito que você sempre teve esse sonho, né? de... de... de conseguir, né? dar conhecimento... de conseguir... de você querer realmente trabalhar... é... com... com internet, né? para... para populações isoladas... né? E eu gostaria de saber, né? Quando você teve a ideia de fazer esse plano... é... ou melhor... quando que apareceu esse sonho pra você na sua vida?

**Alex:** Então. Ele surgiu ainda na minha adolescência, porque nas minhas viagens que ia pro nordeste, eu percebia, né? quando eu comecei a... a tomar mais uma noção de mundo, uma percepção de mundo, de realidade, fui amadurecendo enquanto indivíduo realmente, né? em questão de idade e de amadurecimento... é... eu fui percebendo que... na cidade... especificamente em São Paulo, eu tinha mais oportunidades e mais acesso do que o pessoal que morava em algumas regiões do nordeste. E eu ficava me perguntando. Poxa! Se a gente investisse em educação aqui pra galera, uma educação forte, assim... eu falo num ensino público mesmo... Ia ser tudo tão diferente pra esse pessoal. É... não só é a educação em si, mas... trazer a... o acesso à educação, à informação, mas a grande motivação, a motivar as pessoas a buscarem conhecimento. Então como eu... quando eu comecei a ter uma noção disso e... e quando eu comecei a perceber também, que a falta de conhecimento por parte da população lá era um prato cheio pra... pra que certas pessoas permanecessem no poder... usufruindo ali dos órgãos públicos... e em vez de fazer as coisas pra.. pra população, continuassem ali... é... trazendo bens só para os seus, só pra suas famílias. Eu falei: gente, isso precisa mudar, as pessoas precisam ter acesso ao conhecimento.

E quando eu falo nisso, é... Lucas, eu falo no sentido... no seguinte sentido, tá? Se a gente for parar hoje e analisar o contexto do nosso país... não só do nosso país, mas outros países que são miseráveis e pobres... né, não digo que o Brasil é miserável e pobre porque não é...

porque as nossas terras são ricas realmente. Ele é um país que ele é mal gerido. A gestão dele, desculpa, deixa muito a desejar. E por que deixa muito a desejar? Porque a miséria e a pobreza consegue manter muitos políticos lá em Brasília. Muitos políticos assumindo o... a prefeitura de cidades. Muitos políticos assumindo o governo... Enfim. Vereadores, tudo mais. Mas, por quê? A miséria, tanto em relação à fome, quanto em relação à falta de conhecimento, faz com que essas pessoas acabem acreditando nessas figuras públicas e elegendo elas em troca de... É muito fácil pro político chegar na sua casa nessas... nessas regiões, principalmente em... épocas de eleições e falar que vai te ajudar a construir sua casa te dando três sacos de cimento... te dando... 1000 blocos de tijolos... E as pessoas vão abraçando e vão... vão realmente pensando que aquele cara é bom. Mas, mal sabe eles que muitas das ajudas que esse político oferece.. até mesmo a falar assim: ah! Nós vamos correr atrás de uma cirurgia pro seu filho, que possa tá com algum problema, precisando de assistência médica. Mal sabem essas pessoas que isso já é um direito delas. O político em si não deveria barganhar essas coisas... pra população, porque é direito dela. Porque se eu vou no hospital e eu não tenho um atendimento... se eu vou no hospital público e não tenho um atendimento de qualidade... e num tempo rápido pra minha emergência... tem alguma coisa muito errada aí, porque é um direito meu. E a partir do momento que o político vem e fala pra mim: se eu votar nele, o cara vai agilizar a cirurgia, agilizar o atendimento em relação a certos procediemntos da área da suade, ele tá usando... o direito daquela pessoa... ele tá... Ah! Vou usar essa palavra... que é mais viável aqui... é... prevari... prevaricando. Né? Está prevaricando... do cargo dele! Porque ele sabe que quadno ele foi eleito pelo povo, pela população, elçe foi eleito pra representar aquela poipulação e trabvalhar por ela. E a partir do momento em que ele é eleito por aquela população, pra trabalhar por ela, e el não faz... mas ele consegue usar o s direitos da pessoa como barganha pra continuar no poder, ele tá se aproveitando da miséria, da miséria e da pobreza. E é uma miséria que ela não é só em relação a uma questão de bens materiais ou de alimentação. É uma miséria e uma pobreza que está diretamente relacionada também a um fator intelectual, à falta de conhecimento.

Se eu não tenho conhecimento dos meus direitos. Se eu não tenho acesso à informação e também não me interesso por isso, ou na realidade, eu sou influenciado a não me interessar por isso, eu consigo fazer com que as pessoas que sempre estiveram no poder se mantenham lá. Quantas famílias de políticos você conhece? Se você der um Google aí... você vai pesquisar e vai conseguir ver lá que no Senado que... tipo assim: o bisavô, o tataravô, depois o avô, depois o pai e agora o filho... é vereador, é deputado, é... prefeito. Quantos? E por que que esses caras não fizeram nada até hoje pra realmente trazer um conhecimento intelectual pras pessoas? Porque, na cabeça deles, eles acreditam que, se eles fazem isso, eles vão perder o poder deles. E aí eles preferem que a população viva na miséria, eles vivam com uma falsa riqueza. Mas, mal sabem eles que ele tá plantando um efeito dominó, porque a miséria, muitas das vezes, ela gera violência, ela gera roubo, ela gera latrocínio, né? que é o roubo seguido de morte... E aí às vezes... o dinheiro que você podia ter investido na educação de muitos jovens, de muitas crianças... que foi desviado aqui, daqui a 5, 10 anos ele volta pra você. Porque essa criança que poderia ter sido educada e hoje ter um trabalho bom ou até mesmo ser um cidadão na sociedade a qual viesse a empreender... e, nesse empreendimento,

viesses a proporcionar mais trabalho pras outras pessoas ali naquela região, ele pode se tornar um bandido, um assaltante, e até mesmo um assassino.

E aí quando ele se tornar um assassino... e, amanhã ou depois, ele assaltar a filha, o filho, a esposa, o irmão ou até mesmo... esse representante do poder público que foi eleito por ele... num desses assaltos, alguém pode ir à óbito... E aí de quem foi a culpa? Foi o cara que se tornou um bandido? Ou do cara que contribuiu pra essa pessoa se tornar bandida?

São... e é engraçada porque esse tipo de... essa... essa população eles... essas pessoas, elas não conseguem enxergar isso. Nem todas, né? Porque existem aqueles que conseguem enxergar muito bem e sabe qual que é o efeito dominó de seus atos. Então é... é uma... um dos meios que eu procurei assim... ir pra área da educação, foi justamente pra isso, pra levar acesso... conhecimento pras pessoas. E aí... é... durante o mestrado eu consegui fazer isso e eu me senti muito gratificante... poder ajudar essa parte... em relação... da população em relação a isso.

Têm outros outros sonhos futuros também... voltar a trabalhar mais focadamente com educação, mas aí primeiro eu preciso primeiro também me estabelecer um pouquinho em algumas... áreas, né? Porque eu também tenho sonhos, eu também tenho desejos... vivemos numa sociedade capitalista, querendo ou não... Eu também preciso... me manter nessa sociedade.

**Luca:** De fato. essa parte de se manter é... importante.

Alex: Sim.

**Luca:** Pois é. É... Como... Como... Como artista e como alguém que também pensa em fazer coisas com arte-educação, posso dizer que... consigo sentir a sua dor.

**Alex:** Tá.

**Luca:** Eu vou fazer uma pergunta também... Tem haver também com sentir, no caso, com ver. Você... você, né? Tem... tem toda essa... essa ideia, esses sonhos, você fez toda essa atuação naquelas, naquelas 8 aldeias e... você falou que foi... que foi muito gratificante. E... tenho umas perguntas pra você. Você conseguiu ver, né? Os frutos desse trabalho, desse trabalho em conjunto que você fez com eles, é... já na hora? E você chegou a acompanhar como está a situação atualmente?

Alex: É... Cheguei a ver muitas das vezes realmente o fruto na hora porque... é... o método que utilizei ele ajuda... ele é tão legal de ser utilizado porque se as pessoas não sabem... se elas não têm domínio, né? da leitura e da escrita, eles conseguem fazer mesmo assim. Então a gente consegue trabalhar bastante com a oralidade, o corpo, a linguagem, justamente pra planejar. Então... foi muito legal... e foi gratificante quando você vê que as pessoas sabiam a resposta pros problemas delas, mas elas nunca tinham parado para refletir sobre eles. E quando você vê que a pessoa chegou refletindo... você estimulou, né? a reflexão, e ela conseguiu chegar na solução junto com o coletivo, junto com o grupo: “Ah! Então vamos fazer isso!” “Vamos fazer aquilo?” “Vamos!” Aí no dia seguinte algumas pessoas já

começavam... a agir com algumas... com algumas ações, então isso foi muito gratificante. E depois de um tempo também, né? depois de um tempo você... eu fui acompanhando à distâncias as... as comunidades e... você via ali uma postagem que eles faziam em relação a algumas coisas que eles tavam fazendo. Assim: “Hoje é dia de reforma pro Ponto”, “hoje no ponto de cultura a gente fez isso e aquilo”. Então eles faziam postagens sobre as ações que eles tavam fazendo nos Pontos de Cultura, então eu conseguia ver esse retorno. E até hoje esses espaço existe nessas comunidades e isso que é gratificante também.

**Luca:** É... Uma pergunta... é... pra você também... é... uma questão do digital, eu acho. É... você... Você foi acompanhando né, a presença deles, que agora estão mais inseridos no mundo digital... é... O que você espera dos meios digitais no futuro? Me pareceu pelo menos. Né? Posso tá enganado. Me pareceu que você, até pelo seu trabalho com educação, você tem uma... uma esperança de futuro. Me pareceu pelo menos que você está tentando sempre utilizar dos meios digitais como uma forma de esperança, em vez de uma forma de garantir que o mundo fique o mesmo. Me parece muito que você tem um sentimento... e um interesse em mudança. Né? E eu gostaria de saber, se você topar contar, o que você espera, ou melhor, como você espera que sejam os meios digitais no futuro, né?

**Alex:** Olha, eu espero o seguinte. Na realidade, a gente já tem muitas tecnologias que podem ajudar muitas comunidades a defender seus direitos e monitorar suas áreas contra certos invasores. Pô! A gente tem drone, a gente tem celular, a gente tem internet aí via satélite, a gente tem eletricidade à luz solar. São recursos tecnológicos que podem ser utilizados por muitas comunidades indígenas é... justamente pra mapear seu território e fazer denúncias... Fazer denúncias. Você pode utilizar... hoje você não precisa colocar um gerador a gás ou a diesel numa comunidade que é bem isolada, como por exemplo algumas comunidades do Xingu que tem, né, o gerador pra levar eletricidade ali na aldeia e até mesmo ligar alguns aparatos eletrônicos e dar acesso à internet. Não! Hoje você tem... você pode construir por meio da energia solar alguns sistemas... onde a pessoa só tem que se preocupar com a placa realmente pra captar eletricidade e ligar os aparatos eletrônicos que precisam ali. E aí, partir disso, você já consegue carregar um celular, carregar a bateria de um drone, soltar ele pra cima pra ficar rodando durante.. alí durante a região... é... durante não... *Pela* região das comunidades. Poxa. Aí cada comunidade poderia ter sua central de monitoramento. Viu uma coisa irregular, cara, já lança o sinal: Puuuun! Pra um central... vem Ibama, vem todo mundo e vamo ver o que tá acontecendo. Mas a gente tá vendo esse desmonte do Ibama, a gente tá vendo esse desmonte da FUNAI, a gente tá vendo vários desmontes e... As pessoas precisam ficar atentos numa coisa. Quando a gente vê desmonte, a gente fala “é porque é público”. Não, gente, não é porque é público. Há um grande interesse em sucatear o que é público. Não estou falando que muitas coisas depois que foram privatizadas tiveram um salto representativo legal. Tiveram, realmente tiveram. Mas existe uma grande... um grande interesse em banalizar o que é público pra você colocar na mão de empresários que são amigos de pessoas que tão no poder e falar que o privado é melhor. Mas não é o privado que é melhor, é as pessoas que não querem trabalhar para o bem público. Eles querem ganhar em cima da população. Então como que é a forma de eu ganhar em cima da população? É eu privatizar a saúde, eu privatizar a educação, eu privatizar várias coisas, porque isso vai pra

mão de quem? de um coleguinha meu. Eu sou... Estou sendo irônico em relação... tipo... representando um político. Então se eu sou um político e eu tenho um colega, que é empresário, e ele me pede toda a pasta da saúde, pra privatizar. Porque fazendo isso provavelmente ele vai me dar algum tipo de agrado, eu vou.. criar estratégias pra sucatear a saúde pública atual ou a educação pública atual... pra que a população, a opinião pública acredite que o que é privado é melhor e nisso eu consigo privatizar certas áreas... certas áreas não. Certas empresas, né?

Mas isso também é só um olhar, né? Um olhar... um olhar em relação a... a... essa questão, né? do público e do privado e do sucateamento (inaudível) e eu falar também da importância das... das tecnologias. Porque existem coisas, também, que foram privatizadas e deram certo. Por exemplo, pô, será que a telecomunicação... Olha só o tanto que ela avançou depois que ela foi privatizada. Mas você tem que privatizar e você também tem que fiscalizar... e colocar leis rígidas, né?... pra que as coisas venham acontecendo. Mas eu não posso negar, né? que o sistema de comunicação, telefonia e internet melhorou muito depois que foi privatizada? Será que com a educação seria igual? É... é um ponto de interrogação. Poxa, o pessoal tava falando outro daí aí... é... É opinião, e opinião tem que ser respeitada, e a gente tem que olhar sempre o contexto e nunca ficar cegamente num único tipo de opinião. Por exemplo, tavam se falando em privatizar as universidades públicas.. até então... eu também era contra a privatização de escolas públicas, de universidades públicas, mas se você vai olhar o contexto realmente... Pô! Quase 60% das pessoas que estão nas universidades públicas nos cursos de medicina são pessoas que estudaram em escolas particulares. Aí você tem que pegar os dados e ver, né? os dados pelo portal da transparência: quantos por cento que tá ali não pagavam escola de dois a três mil reais de mensalidade e agora tão na universidade pública sem pagar nada (teoricamente, porque pagaram impostos então pagaram alguma coisa) e estão agora nos cursos de medicina enquanto a pessoa que estudou numa escola pública de baixa renda porque não teve acesso. Primeiramente porque também na escola pública muitas vezes as... as pessoas lá não tem nem acesso a uma educação digna. Porque, por exemplo, e, no Ensino Médio não tive aula de Química, não tive aula e Física, não tive aula de Filosofia... não tive... vários tipos de aula e tive que correr atrás de um monte de coisa e... passar no vestibular da PUC, que é bem concorrido.

Mas, pô! Será que essas pessoas não deveriam pagar pelo menos uma mensalidade mínima por estar numa escola, numa universidade pública, uma vez que eles passaram a vida toda pagando já, de forma que já, teoricamente, no bolso dessas pessoas não doeu? E continuar vivendo com sistemas de bolsa pra alunos de escola pública e alunos que estejam diante de uma certa faixa etária de renda quando forem ingressando na escola pública... quando forem ingressando, na realidade, na universidade pública. E outra. Quantas pessoas passam... 6, 7, 8, 9 anos numa universidade pública sendo que era pra ter terminado o curso cerca de 4 ou 5 anos e acaba segurando a vaga de outra pessoa que era pra ter entrado? São reflexões! Eu não tô falando que tem que privatizar universidade ou eu tô falando que as universidades públicas tem que cobrar mensalidade. Mas é pra gente pensar! Se essas pessoas, que têm condições, pagassem pela universidade... pública, afinal de contas, viveram a vida toda pagando a escola dos filhos em... em escolas particulares. Se eles pagassem a escola, a universidade pública, será que a gente não teria muito mais recurso também para investir em pesquisa e

outras ações na universidade pública? E será que a gente não pode ofertar bolsa para alunos que realmente precisam de bolsas em universidades públicas, desde que eles passem no vestibular como já é feito?

Pô, o aluno passou... o aluno veio de escola pública, o aluno passou no vestibular... certo! Ele veio de escola pública, passou no vestibular e ele está enquadrado naquelas condições socioeconômicas. Ele... merece uma bolsa. Agora o cara veio de escola privada, passou, e ele tem condições de pagar, então ele que pague realmente, a renda dele fala que ele tem que pagar. Cara! São coisas a se pensar. Por isso que eu falo, tem essa questão...

E em relação às tecnologias, voltando aqui, que eu acabei abrindo esse parênteses aí enorme, né? Mas só pra gente refletir, né? São coisas que nós devemos refletir. A gente não pode viver em bolhas. A gente fala tanto de sociedade de bolhas, então, antes da gente começar a condenar qualquer opinião alheia aí, qualquer coisa, a gente tem que ver os contextos de ambos os lados: o cara que tá falando que é sim, o cara que tá falando que é não, e aí a gente vê o que é melhor pra sociedade ou a gente chega no meio termo que seja melhor pra sociedade.

Mas, realmente, eu acredito que você possa utilizar as tecnologias a favor da educação, a favor da melhoria do... do mundo em geral. Nós temos um acesso à... à comunicação de forma instantânea que pode chegar a várias pessoas ao mesmo tempo. E eu acredito sim, tá, Lucas, eu acredito bastante que os recursos tecnológicos possam ser utilizados... ainda mais no exemplo que eu te falei, em relação aos drones, em relação a tudo mais.

Como toda tecnologia, cara. Toda tecnologia... eu até falo, né, na... no Mestrado, na Dissertação, toda tecnologia é uma faca de dois gumes, você pode usar ela pro bem e para o mal. Nós temos dentro de casa uma tecnologia linda e maravilhosa que é a faca pra cortar carne... ou pra cortar qualquer alimento. Ela foi criada com o propósito de facilitar aí o preparo dos alimentos. Mas as pessoas podem usar pra outros fins... é muito do indivíduo, é muito da consciência dele. E é muito de como você ensina esse cidadão a usar a ferramenta para o bem. Aí eu acredito que as ferramentas tecnológicas, elas ser usadas para o bem, principalmente pra monitorar, aí, o desmatamento em regiões indígenas, em áreas indígenas.

Fechou.

Diga aí, Lucas.

Era nesse sentido? Ou você queria saber mais um pouquinho da questão dos indígenas...

**Luca:** Não! Foi uma... uma excelente resposta sua. Gostei muito de saber. Gostei muito do seu comentário sobre furar essas bolhas aí. Né? Muito obrigado pelo comentário, achei muito ilustrativo. Uma coisa, né, que posso até comentar... eu sei que você tinha aberto um parênteses e tudo mais, mas já que você falou, vou aproveitar, se você permitir, também de eu fazer um comentário. Que.. né? Tem muito isso né? de que as pessoas que as pessoas né? que como eu estudaram em escola particular... se bem que eu tinha uma bolsa... mas mesmo assim, as pessoas que têm a minha condição... Na medicina boa parte das pessoas é... conseguiriam, né, pagar uma universidade né. É... Mas é importante lembrar também que nas

Federais tem muito gente, salvo engano é tipo 60%, né? que são alunos que estudaram o tempo todo nessa escola pública, essas pessoas, né, que são a metade mais pobre da população brasileira. É sempre bom tomar cuidado quando fala na privatização, pra ver, né? De quem? Vai ser pra tirar os privilégios ou vai ser pra tirar o pouco que se conquistou pra pessoas não privilegiadas.

**Alex:** Sim! É por isso que eu falo. Se isso fosse acontecer, teria que ter programas de bolsa. E assim: cara, a pessoa estudou na escola pública a vida toda... tem também os casos. Como te falei, tem as exceções, né? Tem o cara que estudou na escola particular e ele foi bolsista, como no seu caso, mas e aí? A gente não consegue fazer uma avaliação socio... socioeconômica, uma avaliação econômica realmente da vida da pessoa, pra ver realmente o teto mínimo que ela pudesse pagar? Cara, 200 reais por mês! Assim, têm outras universidades mais populares que vão, que têm isso, que conseguem pelo menos fazer com que outras pessoas consigam acessar a universidade, mas que eles cobram mensalidade de 200 a 300 reais. Que, dependendo de como for... Pra populações de baixa renda, isso é muito dinheiro, mas pra outras populações, cara, 200, 300 reais é o quê?

E aí entra aquela que eu te falei também. Poxa! O cara tá na universidade pública a quase 10 anos! Aí ele vai trocando de curso em curso e não termina o curso dele. Enquanto isso, um outro cara que tá lá querendo entrar na universidade pública não entra porque ele tá segurando a vaga. E por que ele tá segurando a vaga? É por que é de graça ou por que ele tá pagando? São provocações? Tendeu que eu te falo? É provocações, são coisas pra gente refletir.

**Luca:** HmHmmm

**Alex:** Aí a gente busca sempre um meio termo... o diálogo é justamente pra isso. Por isso que eu falo, vamos estourar essas bolhas. Vamos pegar uma agulhinha: Pú! Pú! Estourar todas as bolhas e... e discutir. Os dois lados têm argumentos que são.. são favoráveis. E bora ver... como a gente chega num meio termo que seja bom pra todo mundo. Poxa! Quem tem condições paga, agora quem não tem, ganha bolsa. Aí tem que ver como vai fiscalizar isso depois... precisa disso tudo. Tem que ter histórico, tem que ter várias coisas...

**Luca:** Sim.

**Alex:** Mas é assim.

**Luca:** Com certeza. É... eu vou fazer uma pergunta.. né. Acho que eu vou... prum caminho um pouco diferente de tudo aquilo que eu tava pegando. Tudo bem?

**Alex:** Tudo bem! Pode ir aí... pra provocação (risos). Tô aqui pra aprender, bora lá!

**Luca:** Não... é.. (risos). É que assim... A gente tava (inaudível) É... você tinha falado que você tinha ido pra Espanha né, no programa do Ciência Sem Fronteiras...

**Alex:** Isso!

**Luca:** E... eu gostaria de saber uma coisa... você pode contar um pouco mais como é que foi?

**Alex:** Nossa. Cara, vou te contar a paritir do momento em que eu entrei no site da PUC, daí eu olhei assim e vi que tava tendo inscrição pra quem quisesse se candidatar para bolsas de estudos em Espanha ou em Portugal. Daí eu olhei aquilo e fui: nossa! Que legal! Daí cheguei lá na sala, na minha turma né, e falei pra todo mundo, né: “Pessoal! Pessoal! Tá tendo inscrição pra Bolsas de Estudos pra Espanha ou Portugal! Bora se inscrever?” E aí eu percebi que a galera meio que me olhou com uma cara meio de ué. E eu: ué? a galera não quer se inscrever em nada? Aí eu fui falando com alguns amigos mais próximos da turma falando pra eles se inscreverem e ninguém se inscreveu, ninguém fez a inscrição. Aí eu peguei, fiz a minha inscrição, e aí quando fui fazendo a inscrição, eu pensei: “pô! Eu vou pra Portugal ou vou pra Espanha?” Daí pensei comigo: “eu acho que vou pra Espanha porque pelo me menos eu aprendo um novo idioma”. Em Portugal... é legal, mas aí eu vou falar o Português. E aí... Fiz isso, fiz a minha escolha. E aí também, pensei no seguinte. Fiz o... Eu também pensei num... numa outra possibilidade: assim ó, em Portugal muito provavelmente muita gente vai se candidatar, porque é Português, né? Daí eu fui pelas proba... pelas probabilidades. Fui eliminando, né? estatística. Não sou da área de exatas mas tenho um pezinho ali, de vez em quando... (risos).

E no último dia eu peguei e falei pro pessoal de novo. Ninguém deu muita importância... no último dia, pra fazer a inscrição. Aí tinha um colega do meu lado, aí eu falei: “e aí, cara? Bora fazer a inscrição?” Daí ele olhou pra mim e falou: “isso não vai dar em nada.” Eu peguei e falei: “o não a gente já tem. Bora tentar o sim!” Aí ele falou: “tá bom, vai! Vou fazer a inscrição”.

Aí o resultado depois que ele fez a inscrição... ele fez no último dia. Saiu o resultado... E quando saiu o resultado, quem foi que passou? Os únicos dois da sala que tinha feito a inscrição passaram. Aí a tia Dilma, né? pagou tudo pra gente. A gente foi pra lá.

Cheguei na Espanha. Eu não sabia nada de Espanhol. Meu inglês era um inglês tupiniquim... até hoje é... Tipo... consigo me virar se tiver em algum país de língua inglesa... não chega a ser fluente, mas ele é... ele tá num nível legal e cada vez mais eu vou melhorando.

Aí... consegui chegar na cidadezinha que eu ia ficar, que se chama... cidade de Orihuela. Mas pra chegar na cidadezinha também, foi um sacrifício, porque conforme você vai se afastando da zona central da Espanha, você vai indo pras partes que são mais rurais ou cidades pequenas, as pessoas não sabem falar em Inglês. Não vou falar que são todas, mas a grande maioria. Quem trabalha no comércio, não. E aí pra mim foi um pouquinho difícil pra chegar, mas foi uma experiência maravilhosa. Foi um ano que eu passei lá e eu pude aprender um novo idioma, eu aperfeiçoei meus conhecimento na minha área de atuação profissional e daí depois, quando eu voltei, eu voltei com outra maturidade, uma outra cabeça. Você acaba conhecendo... você acaba aprendendo a lidar com pessoas de diferentes culturas porque lá não tinha só espanhóis, lá também tinha pessoas de outros países.

Hmmm... Lá tem preconceito, como em qualquer outro lugar. Lá tem mendigo, como em qualquer outro lugar. Eles têm os mesmos problemas sociais que a gente. Na minha visão, a grande diferença é o seguinte: que a gente escancara tudo e eles escondem com uma pose de que “somos perfeitos”. É isso.

Voltaria pra lá? Voltaria! Ficaria no máximo 2 anos, porque o Brasil é maravilhoso, é minha terra gostosa, é o calor, é o Sol, é onde tá minha família, onde estão minhas raízes... e eu amo meu país (risos) eu amo meu país. Eu... eu acredito que eu só trocaria, realmente, caso fosse uma questão de necessidade profunda, realmente, pra tá lá. Mas... como eu te falei, se eu tiver a oportunidade de ir novamente... pra morar não. Posso ir pra estudar, pra... aperfeiçoar um conhecimento que eu precise pra depois colocar em prática aqui, mas morar, morar, morar é o Brasil, é minha terra.

**Luca:** Nossa, isso... é bem bacana saber. Acho que seu trabalho é muito importante aqui... aqui no Brasil também. Acho que pode causar um grande impacto. Você tinha... me falado, né? Né? É... Eu tenho muita curiosidade pra saber como que... é... como que os espanhóis te trataram. Porque eu conheço, né? Eu tenho uns parentes que foram pra Portugal também e às vezes eles são bem tratados. Às vezes são tratados de forma... de forma meio ruim por serem brasileiros. Gostaria de saber como é que foi você é... você estar na Espanha... Como é que você foi tratado?

**Alex:** Ó. Teve pessoas que me trataram bem, principalmente as pessoas da universidade, algumas pessoas que... você percebe, né... algumas pessoas que viajam mais... que são do país, mas viajam mais, geralmente eles têm uma outra mente, uma mente mais aberta e te trata bem e tudo mais. Mas sempre existe os conservadores que aí meio que te olha de forma meio indiferente. Aí eu percebi também que eles têm bastante preconceito com os árabes. E alguns traços meus eles confundiam com os árabes, mas na realidade... meus traços é... é uma mistura de indígena com português. Meu pai, até onde eu sei... o sobrenome Mesquita pode ser descendência árabe, mas também teve uma família de Portugal que veio pra cá... que eram os Mesquitas. E... Enfim. Alguns pensavam que eu era árabe e eu percebia que me olhavam torto porque eles têm um preconceito muito forte contra árabe. Ainda mais pelo contexto histórico, né? Os árabes já foram donos... já foram não. Já... já governaram a Espanha e depois eles foram expulsando um a um.

E sim. Teve momentos... É assim, eu não cheguei a sofrer o preconceito de forma direta, mas eu percebi algumas coisas de forma indireta. E também lá, por se ser um pouquinho mais moreninho, eles... eles já me consideram negro. Existe... existe um preconceito lá forte. É claro que tipo... o meu colega, por exemplo, o meu colega é mais branquinho. Eu acredito que ele não chegou a perceber e eu não cheguei a comentar tudo isso com ninguém lá. Mas é... Tem essa questão de cor. Eles têm um certo preconceito. Não são todos, mas eles têm sim.

E como te falei, eu não... não me senti diretamente, mas em alguns lugares... você percebe alguns olhares pra cima que você que realmente é desagradável. Mas eu também falo assim: “ah! Cara. Deixa eu aqui porque eu sou mais assim...” Você também tem que levantar sua

autoestima, né? Eu sou mais eu e eu sei o que eu vim fazer aqui. Vim aprender e não tô dependendo desse país, eu dependo mesmo... eu só vim só pra adquirir conhecimento. E é isso.

Mas como eu te falei também, né? Tem muitas pessoas legais. Teve os professores super legais, pessoas da universidade super legais, que acolheram, que... tipo... estavam dispostos a ensinar... a... a aprender também, porque eles têm bastante curiosidade em relação ao país aqui. Foi muito legal. Então... é... as... as pessoas boas acabam suprimindo alguns... alguns atos (inaudível) e comportamentos indesejados.

**Luca:** Faz sentido! Faz sentido! Hmm... Posso perguntar sobre... você fez uma grande trajetória né, inclusive... Ah! Antes uma outra pergunta. Você... é... foi bolsista PUC. Acho que ainda é bolsista na PUC, né? pelo que eu...

**Alex:** É... Na graduação eu fui bolsista, no Mestrado eu não fui bolsista, eu fiz o Mestrado com cara, coragem e raça. Eu... como eu sou um pouquinho... como eu te falei, eu tenho um pezinho lá na área de exatas, então na... na Espanha eu fui... eu fui guardando um dinheiro. Eu ganhava em Euros. Eu fui guardando uma graninha e quando eu voltei, eu terminei a graduação, eu fiz o Mestrado. Então o Mestrado, tipo assim, eu não consegui bolsa no Mestrado. Eu não sei porque, mas no meu programa eles não me deram bolsa no Mestrado. E... Mas eu fiz isso com a cara e coragem porque eu realmente queria realmente fazer um Mestrado pra melhorar os meus conhecimentos e fazer aquela parte de inclusão digital em comunidades indígenas e trabalhar com... com o que eu te falei. Eu fiz, realmente, esse Mestrado, consegui, fui lá e paguei tudo. Fiquei devendo durante seis meses a PUC... um semestre ainda, mas depois consegui um trabalho e paguei tudo a minha dívida. Graças a Deus não tenho nada com eles lá. E aí eu paguei. O Mestrado foi pago.

Agora, o Doutorado, eu consegui uma bolsa no mesmo programa... Não consegui a bolsa no programa, na realidade, né? A PUC lançou uma bolsa pra indígenas e afrodescendentes... E aí... pra alunos de pós-graduação indígenas e afro... e afrodescendentes. Aí no Doutorado, eu consegui essa bolsa. Até aí, o programa não me deu bolsa. Quem me deu bolsa, realmente, foi a universidade. E aí eu consegui a bolsa e aí o Doutorado eu fiz com bolsa.

No Mestrado eu fiz um pesquisa que a gente chama de Pesquisa-ação. É um método que a gente utiliza pra desenvolver a pesquisa. E é onde o pesquisador faz uma intervenção onde realmente ele visa trazer uma melhoria pra aquela sociedade ou pra aquele grupo que ele está trabalhando. Foi o que aconteceu comigo. Já no Doutorado, eu fiz uma pesquisa... Aí. Me fugiu o nome agora... Ah... pesquisa documental. Tem a pesquisa bibliográfica e tem a pesquisa documental. Na pesquisa bibliográfica, você analisa documentos, livros, textos que já passaram por um processo científico, ou seja, são teses de doutorado que foram defendidas, são artigos que foram publicados. Já na pesquisa documental, você analisa documentos, que eles não passaram por esse tratamento científico – mas eles existem, ele... ele tem uma veracidade, ele tem um poder ali... real – aí eu acabei analisando alguns textos eletrônicos... Alguns não. Eu analisei... livros eletrônicos produzidos por... pelos próprios indígenas. Aí por meio dessa leitura, dessa análise, eu queria entender alguns aspectos que

eram produzidos e registrados pelos indígenas, onde eu consegui ver algumas características em relação à escrita, em especial a escrita em meios digitais, num processo de resgate, registro, divulgação e manutenção das identidades e culturas indígenas. Porque muitos dos povos indígenas ao qual eu analisei os textos, eles tiveram contato muito brusco com comunidades não indígenas e muitos foram forçados a sofrer um apagamento cultural. E o apagamento cultural é o quê? É assim, você é proibido de... praticar costumes a qual você vinha praticando ali desde sempre, devido às suas origens, devido à originalidade que você tem em relação à terra. Isso grande fortemente em relação à colonização, à invasão aí... europeia no nosso país, no nosso continente. Então a Igreja Católica fortemente também impediu fortemente que muitos indígenas praticassem os seus rituais... Se casassem apenas com uma única mulher... porque antes os indígenas casavam com várias mulheres né? (risos) eles e os árabes. Enfim, e existem até relatos de comunidades onde não tinha essa questão de gênero, você se envolvia com homem, com mulher e tudo mais.

Só que aí... teve essa questão toda aí. E no meu trabalho eu trago justamente isso. Porque, a partir do momento em que os indígenas passam a falar de si mesmos, registrar isso num livro, muitas das vezes o... o neto, o filho, ele nem sabe a história dele, porque às vezes os mais velhos tinha até medo de contar essa história, porque dependendo da região em que você tá, se você falar que você é indígena, você corre risco de vida... Risco de vida não, risco de morte agora, né... que a gente vai mudando... Você corre risco de morte... Então... muitos não sabem a sua história ou muitos realmente não dão importância. Mas a partir do momento em que houve esse movimento por meio... de uma ONG de construir esses livros, muitos filhos, muitos netos, começaram a fazer pesquisa, perguntar pra avó, perguntar pra bisavó... porque até então eles não tinham registros escritos. Porque muitas das vezes essa avó, essa bisavó, ela não sabe ler, não sabe escrever, não tem o domínio dessa leitura. Mas ela tem o domínio da cultura do quê? Da oralidade. E aí esses mais jovens passaram perguntar essas coisas de como que era antigamente e eles passam a registrar isso. Nisso você vai retomando, né? É...

Eu cheguei a pensar em chamar de resgate, né... Em falar sobre resgate, mas resgate não tem como você resgatar o que foi. O que foi passou. Eu consigo retomar, analisar ali novamente, registrar a história... que foi contada, divulgo – pra que todos mundo possa conhecer –, a partir do meio de uma publicação, e isso acaba me ajudando a entender um pouquinho sobre a minha identidade, a minha cultura, e as novas configurações que... que essa cultura e essa identidade vem ganhando...

E ainda mais diante do discurso, né? Que eu nunca vi índio com celular; nunca vi índio de carro... eu nunca vi índio... é... usar internet... usar Wi-Fi; ficar na rede social. Índio que é índio tá no meio do mato; índio que é índio tá pescando; índio que é índio, né, tá sendo morto... por garimpeiro... pelo dono do garimpo... pelo cara que mandou o dono garimpo garimpar ali, né... índio que é índio tá sendo sequestrado; índio que é índio tem que apanhar e ficar calado; índio que é índio tem que sofrer violência... Esse é o... é o grande discurso a partir do momento em que você que os indígenas não podem ter acesso às tecnologias. E por que que o indígena tem que ficar parado no tempo sendo que nós, enquanto sociedade, não

ficamos? Eu falo na terceira pessoa, mas eu me incluo. Por que eu, enquanto indígena, tenho que ficar parado no tempo? Eu não posso passar por transformações?

Aí no Doutorado eu trago essa reflexão e também falo o seguinte... reforço, na realidade... Todas as culturas, elas passam por transformações. Todas as pessoas, elas passam também por transformações identitárias. Você, quando nasceu, você se comportava e era identificado de uma forma. Mas no decorrer que você foi crescendo, você foi mudando a sua identidade, primeiramente física, né? Você não tinha essa barba! Você não tinha o bigode! Você... Poderia ser que você usasse ou não óculos. Mas você foi crescendo, então tanto seus hábitos em relação à cultura foi mudando, quanto também as características que te identificam.

E é justamente isso que eu falo. Todas as sociedades, elas passam por transformações e elas passam por uma transformação identitária. E essa transformação, ela pode ser sutil ou de forma brusca. Com as comunidades indígenas, a partir do momento da colonização, muitas tiveram essa mudança cultural e identitária de uma forma brusca. E elas vão continuar passando por transformações culturais e identitárias... Não vai ser de ontem, não vai ser de hoje... vai ser eternamente. O nosso corpo, em si, ele passa por transformações. E aí a gente entra um pouquinho aí na questão da auto-poiésis, que é de Humberto Maturana... que ele fala dessa questão da regeneração biológica, né, que... algumas células morrem, outras vêm e o nosso corpo vai se regenerando e vai indo... num conceito aí autopoietico. E aí eu... indico pra quem quiser e se interessar mais sobre esse tema... vai lá e vê Humberto Maturana e aí ele fala um pouquinho sobre isso. Ele fala sobre derivas, né, que é... sobre árvores genealógicas, onde você tinha algumas espécies que conforme ela vai descendo na árvore algumas deixam de existir e outras vão se remi... ramificando e se transformando. E aí é assim, a sociedade também é assim, os indígenas também é assim, todo mundo também é assim... eu sou assim em relação à minha identidade... e por aí vai. Daí eu trago isso tudo aí... essa defesa toda... eu trago essas reflexões todas aí na Tese, no Doutorado. Daí o Doutorado, como eu te falei, eu consegui fazer com bolsa.

**Luca:** Uma pergunta. Já que você tocou nesse assunto. É... Né... Justamente você rebatendo essa visão estereotipada desse indígena, ou pior ainda... desse “índio” genérico, né? Gostaria de saber como que você, como um pesquisador, como alguém que tá... que foge muito desse... estereótipo, né? Gostaria de saber como que você geralmente é visto pelas outras pessoas. Esse estereótipo... Ou melhor, as pessoas te enxergam muito através desse dessa ótica distorcida?

**Alex:** Então, depende muito, porque assim... Não vou nem falar que depende. Eu vou te falar o contexto que eu tô inserido e como que eu me porto. É... Existem pessoas que eu conheço e eu não fico falando: “ah, eu sou indígena! Eu sou indígena!”. Não. A pessoa me conhece e vai conversando... conversa vai, conversa vem e se a pessoa me questiona... ou existe um momento e tal aí eu falo: “Não, eu sou indígena”. É legal. Aí algumas pessoas têm curiosidade e outras não. Então eu não sei te falar como que as pessoas me enxergam ou não me enxergam... porque eu não sinto... particularmente eu não sinto a necessidade de ficar falando pros quatro mundos... pros quatro cantos, assim... é... que eu sou indígena... Em nenhum momento também eu vou negar minhas raízes. Eu sou indígena. Se a pessoa me

perguntar, eu sou. Se a pessoa também fala alguma... fala algum comentário que, assim, é preconceituoso, eu falo: “toma cuidado, que eu sou indígena, tá? Isso pra mim é uma palavra preconceituosa que você tá fazendo. É uma fala que... fere não só a mim mas muitos outros parentes... e povos indígenas”. E pra algumas pessoas que eu falo também que... por exemplo, tem alguns amigos que: “ah, Alex, eu vi você em tal foto...” “Eu vi você na sua rede social, isso aqui...” “É, que eu sou indígena.” “Ah! Que legal”. Então tem umas pessoas que vem com essa... com esse discurso, né, que eles acham legal, se interessam e eu acabo falando. Mas eu não vejo a necessidade disso, entendeu? E também de querer ficar provando pras pessoas o que eu sou ou que eu não sou. Cara, eu sei que eu sou e é ponto, é isso. Não tenho que ficar tentando te provar nada... Agora eu só acho que... Agora eu vou... vou prum nível bem além, vou pruma reflexão bem além. Eu... eu acho chato o seguinte, eu tive a oportunidade de saber que sou e tive a oportunidade também de conseguir estudar pra resgatar a minha história identitária a um ponto que eu consigo me defender de muitos argumentos que as pessoas... impõem em cima de muitos indígenas. Mas existem muitos parentes ou muitas outras pessoas... e eu não falo só do movimento indígena, também falo do movimento afrodescendente, do movimento negro, enfim... pessoas também vivem na periferia e em nenhum momento elas tiveram a oportunidade ou chance de fazer... um mínimo de resgate histórico da vida delas. Elas não sabem quem são os bisavós, quem são... quem foram os tataravós, como que elas chegaram. Às vezes a pessoa sabe que ela é negra, que veio da África provavelmente, mas não sabe a qual tribo ou qual comunidade ou qual povo ela pertencia. Existem muitos indígenas também que vivem em periferias e que escondem que são indígenas justamente porque eles não conseguem explicar justamente como que ele é um índio sendo que ele não tem “cara”, entre aspas, de índio.

Que cara tem o índio? Que cara tem o brasileiro? A gente passa por transformações. E aí tem o... eu acho que é o Nailton Pata... Pataxó HãHãHãe e ele fala que se hoje a gente não tem cara de índio, a gente tem essa cara, tem esses traços diferentes, isso são cicatrizes, cicatrizes que mostram nossa resistência, porque... nós estamos aqui na terra, praticamos muitos dos nossos rituais, praticamos muito do nosso respeito com a Terra e com os encantados... seres místicos. Então há um respeito... é... do indígena com as outras formas de vida... Há um respeito dele com as outras formas de vida que existem na mata. E é claro, também, né. Existem também... abrindo aqui rapidamente, né, um parênteses... Mas existem também muitos indígenas que acabaram perdendo esses respeito por influência de fora, né. Infelizmente há, porque quando um parente, ele tenta... tirar a vida do próprio parente... ou tenta enganar próprio parente por conta de dinheiro, por conta de valores financeiros, poxa... ele infelizmente... o olhar do mundo externo já corrompeu ele... Mas, enfim, ele é ser humano, né, todos nós somos seres humanos. O que acontece muitas das vezes nós, indígenas, nós temos um senso mais... mais forte em relação à comunidade, em relação a viver com a família, em relação a viver pro bem familiar.

Temos essa tendência mais forte, mas isso não quer dizer que nem sempre vai tendenciar... dependendo da influência que você sofre, né?

E outra também... Muitas vezes a pessoa nunca teve certos objetos que são vendidos como objetos de felicidade e ela só percebe que aquilo não traz felicidade realmente quando ela se

apossa daquele objeto e percebe que o que ela fez... não adiantou de nada, porque ela acabou ganhando uma coisa que é fria... que não tem valor... e que não transmite calor nem emoção.

É isso aí.

**Luca:** É... Pra tentar não tomar mais o seu tempo, gostaria de... de fazer duas perguntas a você. A primeira delas... Mas são perguntas rápidas que acho que talvez sejam um pouco mais curtas. A primeira delas... é... O que você tem a dizer pras pessoas... é... não indígenas, que vão escutar a entrevista? Você tem algum recado, alguma coisa assim que queira deixar claro? Ou alguma... alguma fala sua como consideração sua?

**Alex:** Eu queria deixar assim primeiro o seguinte... é... que independente se você é indígena ou não é indígena... todos nós somos seres humanos... Então respeita o indígena, respeira o não indígena, respeita o negro, respeita a todos independente... independente de qualquer coisa. É o respeito ao próximo. Se todos nós lutarmos pelo bem humano... as coisas vão ser bem diferentes, porque a gente não vai defender só uma bandeira de um grupo, de um povo... a gente vai defender a bandeira da humanidade. E quando a gente defende a bandeira da humanidade, todos temos direito à educação, à alimentação, a viver, a ser feliz. Todos nós temos. Então não é porque eu sou indígena que eu vou falar assim ah... Eu tô falando eu Alex. Eu Alex. Eu, a pessoa Alex. Não é porque eu Alex que sou indígena que eu vou falar que... Não! Só os povos indígenas têm direito só. Não! Todos nós temos direitos. Independente se você é branco, se você é negro. Primeiro vamos tirar essa segregação. Vamos tirar essa questão aí... desse preconceito, dessa categorização da raça. Todos somos humanos... Todos somos... Todos...

E todos... somos humanos. Cada um com necessidades que podem parecer comuns e cada um na sua individualidade, mas todos somos humanos. Então eu preciso me preocupar com todos. Eu preciso me preocupar desde com a questão indígena a com o mendigo que tá ali na rua.

Tipo. É muito bonito... desculpa a... agora o que eu vou falar... mas é... é muito bonito a pessoa pegar... e fazer trabalho social lá na África... Eu entendo que são países pobres também que realmente precisam, mas... Poxa! Aqui no Nordeste ou aqui no Sul ou até mesmo na própria Capital, em São Paulo... Tá o cara passando fome ou não tem condições de pagar um dentista ou condições de... pagar um médico... Tá morando aqui na periferia. Mas não vai aqui na periferia que tá do lado dele, mas ele pega um avião, ele vai pra África, ele faz trabalho social... Não estou falando que você está errado ao fazer isso. Não! Eu tô falando assim que: Opa! Peraí! Você faz lá fora e aqui dentro você não faz?

(inaudível)

Todos somos humanos, é isso que eu queria falar pra você.

A segunda, Lucas, bora lá.

**Luca:** A outra pergunta... é sobre se você tem algum outro comentário a fazer para... é... ai meu Deus... Desse jeito vai parecer que eu tô querendo insistir numa visão segregada. Por

favor não... não entenda dessa forma, tá? Mas, o que você tem a dizer, por exemplo, para outros Potiguara ou para outras pessoas indígenas?

**Alex:** Acredito que é o mesmo recado que eu acabei de dar para os não indígenas, gente. Todos somos humanos. A gente lutar pelo direito de todos, a gente tem que lutar pelo direito à vida... É isso. A gente tem que lutar pelo direito à vida e (inaudível). Dá pra todo mundo viver em harmonia, basta a gente querer e começar a construir isso. E começar a perceber também algumas coisas. Muitas coisas que são oferecidas pra gente são ilusão. Muitas coisas são ilusão. Muitas coisas te tornam escravo.

Você tem que ser escravo pra pagar várias coisas. Você tem que ser escravo, porque se você quiser conquistar alguma coisa ali você precisa ficar trabalhando aquilo...

Pô! Muitas coisas é isso. Eu acho que você tem que pensar no... tipo. Vale a pena eu ficar me matando por isso? Vale a pena eu... deixar alguns dos meus princípios por causa disso? É refletir.

E aí de final, eu quero só te agradecer. Brigadão pela oportunidade, pelo convite. Fico honrado por você ter chamado aí. Em breve quero ver os vídeos, ambos, também. Pode mandar pra mim. Pode mandar também pra mim o link depois dele editado. Me... me manda ele bruto e me manda ele editado depois... lá o link que vai ficar lá na... junto com a professora...

Se precisar estamos aí, Lucas.